



*A casa do
Rio Vermelho*

MEMÓRIAS



Copyright © 2010 by Gattai Produções Artísticas Ltda.
1ª edição, Record, Rio de Janeiro, 1999

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Projeto gráfico e capa
Rita da Costa Aguiar

Imagen da capa
Xilogravura de Calasans Neto

Pesquisa iconográfica
Bete Capinan

Salvo menção em contrário todas as imagens do encarte são do Acervo da Fundação
Casa de Jorge Amado

Preparação e assistência editorial
Cristina Yamazaki/ Todotipo Editorial

Índice onomástico
Luciano Marchiori

Revisão
Arlete Zebber
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Gattai, Zélia, 1916-2008.
A casa do Rio Vermelho : memórias / Zélia Gattai.
— São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-359-1696-6

1. Amado, Jorge, 1912-2001 2. Escritores brasileiros — Biografia
3. Gattai, Zélia, 1916-2008 4. Memórias autobiográficas I. Título.

10-0539 CDD-928.699
Índice para catálogo sistemático:
1. Escritores brasileiros : Biografia 928.699

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

PARA Jorge, que me ensinou a amar a Bahia.

O CARA DE SAPO

De repente dou-me conta de que a paixão de Jorge por sapos é antiga, vem de longe. Somente agora chego a essa conclusão ao recordar a compra do automóvel que nos levaria do Rio de Janeiro à Bahia.

O anúncio do jornal dizia: “Particular vende carro confortável, quase novo, preço de ocasião”.

Não custava dar uma espiada. Próximo à nossa casa, em Copacabana mesmo, na garagem de um edifício da rua Tonelero, fomos encontrar o tal *carro confortável, quase novo*. Tratava-se de um Citroën ID19, preto, enorme.

— É um cara de sapo! — entusiasmou-se Jorge. — Repare, os faróis parecem dois olhos arregalados.

Não havia dúvida, o carro tinha a aparência de um bátráquio negro, enorme, escarrapachado. Reparando bem, vi que ele não era tão *quase novo* quanto fora anunciado. Estava — não havia dúvida — lustroso, preparado para entusiasmar o freguês. O vendedor, jovem simpático, bem-falante, ao reconhecer o possível comprador, entusiasmou-se:

— Se acomode, seu Jorge — disse indicando o assento diante do volante —, veja como ele é macio; ligue o motor,

acelere, e... não se assuste, ele vai subir. É carro de suspensão a óleo! — explicou de boca cheia, entusiasmo de quem faz uma grande revelação.

Perdia seu tempo, pois de suspensão e motor de automóvel o comprador não entendia absolutamente nada. Exatamente como eu previra, Jorge não se impressionou com a novidade nem mesmo fingiu admirar-se, fez apenas um sinal negativo com a mão:

— Ligar o carro? Eu? Deus me livre! Nunca dirigi automóvel em minha vida. Quem guia é ela. — Assim dizendo, apontou-me a porta já aberta: — Vamos, Zélia, suba.

Eu também não sabia o que significava suspensão a óleo, qual a sua função, a vantagem de um automóvel com tal incrementação.

Passei minha infância e adolescência entre operários na oficina mecânica de meu pai, ouvindo conversas sobre consertos de motores de automóveis; decorei até nomes de peças: cárter, pistão, anéis de pistão, platinado, caixa de marcha, embreagem, vela, vela suja, vela limpa, carburador, virabrequim... — meu pai dizia *virabrequim*, creio que em italiano. Esses nomes me eram familiares, porém nunca ouvira falar em suspensão a óleo, certamente coisa moderna. Perguntei:

— O que significa suspensão a óleo?

Solícito, o rapaz tratou de explicar:

— A senhora não sabe? Pois olhe. Está vendo o cárter?

— O cárter?

O jovem resolveu ficar de cócoras e apontou com o dedo.

— Isso mesmo. Ali está o cárter. Aquela caixa de ferro está cheia do lhm — o rapaz falava com um certo orgulho do tal lhm —, comporta uns vinte litros desse óleo finíssimo que alimenta a suspensão. Isso é coisa nova. Só carros desta

marca têm essa vantagem. Assim mesmo, apenas os do último modelo.

Eu nunca ouvira falar no famoso óleo Ihm. Mas ele o mencionara com tamanho entusiasmo que eu nem me atrevi a dar parte de ignorante, confessar o meu desconhecimento. Restringi-me a perguntar:

— Vinte litros? Tudo isso? O senhor sabe, pretendemos ir à Bahia de carro, mil e tantos quilômetros de estrada. E se o tal Ihm acabar no meio do caminho? Onde é que vamos conseguir-lo?

Jorge estava doido pra ver o carro em movimento e eu ali perguntando sem parar. Paciência esgotada, ele respondeu pelo rapaz:

— Ora, minha filha, qual é o problema? Tanto posto de gasolina pela estrada... Em qualquer lugar a gente encontra óleo. Suba, vamos, não perca mais tempo. Fica aí perguntando bobagens... — foi dizendo e se acomodando. Resmungara em voz baixa, mas alto o suficiente para que eu o ouvisse. Não gostei.

— A gente tem que saber tudo, ora! — retruquei enquanto subia.

Virei a chave, o motor respondeu, acelerei, a carroceria começou a elevar-se, foi subindo, subindo, ficamos lá no alto.

Jorge e eu estávamos tão ou mais entusiasmados que o jovem vendedor.

— Estão vendo que beleza? — dizia ele. — Sabem qual é a vantagem desse sistema? O carro nessa altura deixa espaço para que o motor não bata em pedras ao passar por estradas esburacadas, podendo até enfrentar lamaçais sem correr o risco de ficar atolado.

Jorge estava encantado, e eu vi logo que nada neste mundo o faria desistir do negócio mas, mesmo assim, voltei à carga:

— E o lhm pode ser encontrado em qualquer posto de gasolina?

— Bem, em qualquer posto, não. — O rapaz até que era honesto. — Esse óleo, pela sua finura, é comparável ao óleo de rícino, e o óleo de rícino o substitui perfeitamente. A senhora pode comprá-lo, em caso de emergência, em qualquer farmácia.

— O senhor está falando sério? Óleo de rícino, o purgante?

— Esse mesmo. É muito fino e bom, pode ser usado sem susto.

Olhei para Jorge, que ria divertido. É, não havia jeito. Ele estava apaixonado pelo Sapão, não adiantava fazer mais perguntas, saímos de lá de negócio fechado.

DECISÃO TOMADA

Decidimos nos mudar para a Bahia quando João Jorge completou treze anos. Nossa filha tornava-se um homenzinho, Paloma também crescia e o ambiente no Rio de Janeiro, sobretudo em Copacabana, nos assustava. Queríamos que nossos filhos vivessem em cidade mais tranquila, livres das tentações das drogas que andavam na berlinda, da maconha ameaçando os escolares, oferecida à saída das aulas.

Salvador era, na época, uma cidade pacata, não chegava a quinhentos mil habitantes. Lá os meninos poderiam andar soltos, nós poderíamos dormir tranquilos.

Tirar as crianças do Rio de Janeiro era assunto decidido, assunto prioritário. Existia, no entanto, ainda um motivo para essa mudança radical de vida: havia muito que Jorge sonhava voltar a viver em Salvador, comprar uma casa na Bahia.

Atendendo ao desejo do pai, aos dezoito anos ele partira para o Rio de Janeiro com o propósito de só voltar com o canudo de bacharel em direito embaixo do braço. O coronel João Amado desejava, como era comum entre os fazendeiros da época, ter um filho advogado, um filho doutor, sobretudo o primogênito. Jorge não iria desapontar o pai. Atendeu, pois, ao seu pedido e em 1930 viajou para o Rio: não apenas faria a vontade do velho como iria lutar para realizar um sonho que alimentava desde menino: escrever um romance. Sonhava com isso desde os tempos de colégio, quando, certa vez, na sala de aula, um professor de português, padre Cabral, ao ler o trabalho de um aluno, na classe, previra a vocação do discípulo: "... o autor desta redação será um dia um grande escritor", profetizara. O autor da composição que impressionara de tal forma o professor outro não era senão o menino Jorge Amado, o mais vivo e traquinas da classe.

Aos catorze anos, Jorge Amado já colaborava em revistas e jornais e sonhava: "quem sabe um dia não chegarei a escrever um romance?". A oportunidade chegara, talvez numa grande capital ele teria novos conhecimentos, mais chances de realizar seu desejo.

A VOLTA

Muitos anos haviam se passado desde os tempos de estudante do rapazinho Jorge Amado. Ele cumprira sua tarefa, fizera a vontade do pai: bacharel formado, um retrato de toga e capelo, lá estava, pendurado na parede da sala do Coronel. Escrevera não apenas um livro mas muitos livros; fizera viagens de não acabar. Deputado comunista, fora perseguido, sofrera prisões e anos de exílio. Chegara, pois, a hora de voltar defi-

nitivamente para a Bahia, sua terra, sua fonte de inspiração. Nesses anos todos de ausência, no entanto, ele não deixou de voltar, sempre que pôde, a Salvador e também a Ilhéus, cidade de sua infância.

DINHEIRO DO IMPERIALISMO AMERICANO

Jorge vendera à Metro-Goldwyn-Mayer os direitos autorais de seu romance *Gabriela, cravo e canela*. Não recebera o dinheirão que se poderia imaginar, mas lhe pagaram o suficiente para adquirir uma casa na Bahia. “Comprarei essa casa com o dinheiro do imperialismo americano”, dizia rindo.

AMIGOS PERNAMBUCANOS

Morávamos, havia anos, num apartamento dúplex, adquirido pelos pais de Jorge. Costumávamos passar as férias dos meninos em Recife, hóspedes de amigos muito queridos. Conhecêramos Laís e Ruy Antunes dos tempos em que ambos terminavam o curso de direito, Ruy, líder do movimento estudantil de esquerda. Grande jurista, ele tornara-se professor da Faculdade de Direito de Recife; Laís não advogava, contentava-se em ser a mãe zelosa de vários filhos, crianças que, nas férias, enturmavam com João e Paloma. A casa dos Antunes, na cidade, era enorme, rodeada de pomar com mangueiras de toda espécie. Possuíam também uma granja nas aforas da cidade que, além do coqueiral, era plantada de pitangueiras, jambo-do-pará, goiabeiras, pitomba, graviola, frutas para todos os gostos.

Verdadeira alforria para João Jorge e Paloma, eram as férias e a viagem de avião para Pernambuco, a cada fim de ano,

que os libertavam da prisão de um apartamento em Copacabana e das recomendações a azucrinarem-lhes os ouvidos a cada vez que saíam à rua.

Além de Ruy e Laís, tínhamos em Recife um outro casal de amigos íntimos: Dóris e Paulo Loureiro, donos de um laboratório de análises. Juntando as duas filhas do casal, Cláudia e Paula, e os de Ruy e Laís, Julita, Henrique, Aninha, Iracema e Ricardo, aos nossos meninos, a festa era uma só: brincavam, brigavam, pintavam o bode.

MARIA FARINHA

A casa dos Loureiro na cidade não era grande: em compensação, a que possuíam em Maria Farinha era enorme, rústica, na praia quase deserta, mar de peixes e lagostas garantindo soberbas pescarias e deliciosas peixadas. Não precisávamos ir longe para trazer peixe. Da praia, ali mesmo, defronte à casa, era só atirar o anzol e recolher em seguida o peixe se debatendo. Fiz até a proeza, certa manhã, de pescar, com anzol de três ganchos, três peixes de uma só vez, deixando uns estrangeiros que passavam por acaso de queixo caído.

CONVERSAS DE SOTAQUE

Jorge não aderia às pescarias, nem às grandes caminhadas. Seu divertimento era outro: preferia descansar, deitado na rede do terraço, ouvindo histórias dos empregados da casa e de pescadores que apareciam por lá na hora da preguiça. Lembro-me bem de três pescadores assíduos no bate-papo, os três de nome Amaro: um deles, o Amaro Amarelo — palidez

igual nunca se viu —, aparecia nas estadas da família Loureiro em Maria Farinha. Era um *operado*, título que justificava a preguiça para o resto da vida e, além do mais, um aposentado do *istitute* — como se referia ao Instituto de Aposentadorias. Funcionava de quebra-galho da casa, sem nenhuma função definida, à disposição de quem dele precisasse para qualquer serviço leve. Os outros dois Amaro não faziam nada, nem serviços leves, nem pesados, pois também, como Amaro Amarelo, eram aposentados do *istitute* e operados. Tranquilos, os pais da indolência, cansavam-se só de ver os outros trabalhar. Gostavam de um papo macio com o baiano, amigo de doutor Paulo, que ria com as histórias que eles lhe contavam. Conversa sem compromisso que parecia não levar a nada inspirava o romancista.

Aos sábados e domingos chegavam os amigos da cidade: Marcos, Benaia, Carlos Pena Filho, Paulo Cavalcanti, Pelópidas Silveira e outros. Os carros chegavam lotados, cada qual com sua família, esposa e filhos. Inda bem que a casa era espaçosa, vários dormitórios e redes nos terraços acomodavam todo mundo. Os homens faziam ruidosas rodadas de pôquer, as mulheres jogavam canastra, as crianças se espalhavam. Fins de semanas animadíssimos com jogos e conversas de varar a noite. Das histórias ouvidas nesses encontros com os amigos pernambucanos e dos momentos de lazer e preguiça na hora da modorra, foi que nasceu a inspiração para *Quincas Berro Dágua*.

O PEIXE DE MEUS SONHOS

Paulo inventava, de vez em quando, sair num barco a motor, em busca de peixes grandes. Levávamos os meninos maiores e Amaro Amarelo, o Lobo dos Mares, como o nomearia